

# Reflexões sobre interculturalidade em Roraima a partir de narrativas visuais produzidas por estudantes

## RESUMO

**Kelren Maria Sampaio Probo**

[profkelren@gmail.com](mailto:profkelren@gmail.com)

<https://orcid.org/0009-0006-2660-5034>

Secretaria de Estado da Educação de Roraima, Boa Vista, Roraima, Brasil

**Cora Elena Gonzalo Zambrano**

[cora.gonzalo@uerr.edu.br](mailto:cora.gonzalo@uerr.edu.br)

<https://orcid.org/0000-0001-7617-2704>

Universidade Estadual de Roraima - (UERR), Boa Vista, Roraima, Brasil e Universidade Federal de Roraima (UFRR), Boa Vista, Roraima, Brasil

Esta pesquisa tem como linha teórica a Linguística Aplicada e aborda questões de interculturalidade e identidade, por meio de narrativas visuais produzidas por alunos da 1ª série do ensino médio. O objetivo é analisar as percepções dos alunos de uma escola pública de Roraima em relação à diversidade cultural em que estão inseridos no contexto escolar e na cidade de Boa Vista. A base teórica apresenta o estudo de autores como Hall (2006), Freitas (2009), Cavalcanti (1986), Maher (2007) e Walsh (2009, 2012). Na metodologia, de caráter qualitativa, utilizou-se a narrativa crítica visual, proposta por Gillian Rose (2007), analisando 4 desenhos produzidos pelos estudantes como resultado de uma sequência didática acerca de diversidade linguístico-cultural. Os resultados apontam que os aprendizes, após a aplicação da sequência didática e o incentivo para elaborar desenhos, conseguiram representar percepções amplas relacionadas à riqueza cultural e linguística da cidade e da região onde moram, ressaltando questões como fronteiras, migração, povos indígenas, culinária e línguas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Interculturalidade. Identidade. Narrativas visuais.

## INTRODUÇÃO

Boa Vista, capital de Roraima, localizada ao norte do Brasil, é uma cidade que recebe um grande fluxo de migrantes venezuelanos, os quais fogem da crise generalizada que sofre aquele país desde meados do ano 2015. Essa intensa migração contribuiu com todo o cenário multicultural que Roraima já vivia, pois, sendo um dos estados mais novos do Brasil, é composto por pessoas de várias partes do país, como maranhenses, sulistas, cearenses, cuja migração ocorreu, principalmente, nas décadas de 1970, 1980 e 1990. Pantoja, Silva e Zambrano (2024, p. 174) afirmam que “a população roraimense é caracterizada pelo dinamismo que apresenta em sua formação, visto que constantemente sofre influência de grupos diversos de pessoas”.

Outra influência cultural que o estado recebe é do povo da Guiana, país que, assim como a Venezuela, faz fronteira com Roraima. São duas fronteiras internacionais, de um lado com país de língua oficial inglesa e, do outro, a língua oficial espanhola. Nessa tríplice fronteira, Brasil/Guiana/Venezuela, além do português, do inglês e do espanhol, há forte presença de várias línguas indígenas. Tais fronteiras são visíveis no mapa ilustrativo abaixo:

**Imagem 1:** Mapa das fronteiras do estado de Roraima



Fonte: site d-maps.com (2024).

Para além da já conhecida migração oriunda da Venezuela em direção a Roraima, muitos são os guianenses que migram em busca de trabalho e condições melhores para viver, o que faz com que o cenário educacional do estado receba de maneira direta influência cultural de diversos povos.

Além desses migrantes, em Roraima, as terras indígenas ocupam quase metade do território, o que faz com que a presença de indígenas de diversas etnias marque a riqueza linguística e cultural do estado. Conforme explica Freitas (2009), em Roraima, os povos indígenas dividem-se em várias comunidades e se organizam de acordo com seus costumes, crenças e tradições, além de estarem presentes também nas áreas urbanas, em contato direto com os não indígenas. As principais etnias que habitam as terras roraimenses são: Macuxi, Taurepang, Ingarikó, Patamona, Wapixana, Ianomâmi, Waiwai, Wairimiri-Atroari, Maiongn ou Ye'kuna. Cabe destacar que nos últimos anos Roraima tem recebido indígenas migrantes oriundos da Venezuela, como os Warao e Eñepá<sup>1</sup>.

Diante desse cenário, este trabalho tem como objetivo analisar qual é a percepção dos alunos de uma escola pública em relação à diversidade cultural em que estão inseridos no contexto escolar e na cidade de Boa Vista. Para atingir tal objetivo, foi realizado um estudo bibliográfico e de campo acerca da diversidade linguística e a interculturalidade na escola, por meio das narrativas visuais produzidas por alunos da 1ª série do ensino médio, após a aplicação de uma sequência didática de três aulas desenvolvidas na disciplina de Língua Portuguesa. Na ocasião, apresentamos o contexto multicultural em que os alunos estão inseridos e, posteriormente, solicitamos a elaboração de um desenho com a finalidade de expressarem os seus sentimentos em relação à temática. A metodologia utilizada para a análise dessas narrativas foi a crítico visual, proposta por Gillian Rose (2007).

Além desta introdução, este artigo está organizado em quatro seções: a primeira refere-se à discussão teórica a respeito da linguística aplicada e a interculturalidade; a segunda trata dos caminhos metodológicos; a terceira traz a análise das narrativas visuais; e, por fim, a quarta seção traça as considerações finais sobre o tema e o estudo realizado.

## **A INTERCULTURALIDADE COMO AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO**

Desde antes da crise humanitária na Venezuela, a cidade de Boa Vista já recebia migrantes daquele país, mas o processo se intensificou a partir de 2015 com a migração forçada (Zambrano, 2021). Como citado anteriormente, além da migração internacional, Roraima também recebeu e continua recebendo migrantes nacionais oriundos de diversos estados brasileiros, cada um trazendo variedades de línguas e culturas, que se misturam com as tradições culturais e linguísticas dos povos originários que habitam a região. Nesses contextos, a população é afetada diretamente em seu modo de viver, pensar e agir, pois o contato entre pessoas de diversas culturas promove essas mudanças.

Conforme Maher (2007, p. 261):

A cultura, assim, não é uma herança: ela é uma produção histórica, uma construção discursiva. A cultura, portanto, é uma abstração; ela não é algo, não é uma "coisa". Ela não é um substantivo, como explica Brian

Street, a cultura é um verbo. Ela é um processo ativo de construção de significados (2007, p. 261).

Portanto, as experiências culturais dos diferentes povos que estão em contato se cruzam, pois conforme a autora, a cultura não é uma “coisa”, mas sim um verbo, que necessita de uma ação. Dessa forma, é uma construção de significados, uma produção histórica e social.

Nesse viés, a interculturalidade é um termo que se refere à multiplicidade de culturas em interação, e essa multiplicidade deve ser respeitada e reconhecida no ambiente em que ocorre. Podemos afirmar que a interculturalidade é um avanço do multiculturalismo, segundo Vallescar Palanca:

[a] interculturalidade representa um avanço em relação ao multiculturalismo no sentido de que este, no geral, se refere à presença, em um mesmo lugar, de culturas distintas, que não estão, necessariamente, em relação, ou estariam em relações conflitivas. Como o multiculturalismo pretende defender a liberdade e a igualdade das culturas, exige unicamente uma atitude de respeito e tolerância, reivindicando, como atitude complementar, a necessidade de reconhecimento. A interculturalidade, por sua vez, independentemente da forma de governo que se prefira, exige não só o respeito ou o reconhecimento, como também o direito de cada membro de oferecer sua contribuição particular (Vallescar Palanca, 2001, p.121).

Nesse sentido, a interculturalidade pressupõe interação entre as culturas, não apenas respeito. No contexto de Roraima, enquanto estado onde habitam sujeitos de origens diversas com contribuições culturais heterogêneas, devemos lutar pela educação para a interculturalidade no lugar de apenas admitir que é um estado multicultural onde as culturas se “toleram” entre si.

Dessa maneira, a interculturalidade pressupõe o direito a todos os grupos de contribuírem culturalmente com a sociedade, sem separações nem hierarquizações. Nas atuais civilizações, é de extrema importância discutir o tema, tendo em vista o alto fluxo cultural que existe entre as pessoas, deixando de lado as fronteiras físicas que eram vistas como um problema.

Nessa perspectiva, a interculturalidade contribui positivamente com grupos minoritarizados<sup>2</sup>, como os povos indígenas, que geralmente são discriminados e estigmatizados pelas diferenças linguísticas, culturais e sociais. Sob esse viés, autores da Linguística Aplicada fazem alguns questionamentos:

O que leva um povo indígena a ‘abandonar’ o uso da língua ancestral em suas práticas comunicativas cotidianas? Ou, pelo contrário, o que leva um povo indígena a retomar a sua língua ancestral que já estava adormecida, esquecida? Como se percebe um estudante indígena em escolas em que o seu direito de se educar fazendo uso de seu repertório linguístico particular não é respeitado? Como entender o sentido de educação intercultural e bilíngue num contexto em que os povos indígenas são minoria política? Como fazer para sensibilizar as instituições oficiais para incorporar o direito à diferença como constitutiva das suas práticas cotidianas? (Cesar; Maher, 2018, p.1299).

Assim, percebemos o quanto esses povos minoritarizados sofrem com a discriminação e até mesmo com o apagamento de suas culturas, pois são colocados na posição de “menos importante que o outro”. Maher (2007) defende então a promoção da “educação do entorno”, pois para ela não adianta que sejam criadas leis que estejam somente no papel exaltando as garantias dos povos minoritarizados, é necessário a garantia efetiva do respeito aos direitos, é elementar a luta pela visibilidade desses povos, sempre com a consciência e o apoio da sociedade.

Catherine Walsh, pensadora estadunidense que vive e trabalha no Equador, apresenta um conceito de interculturalidade crítica e destaca que:

Pensar a interculturalidade contexto europeu não é o mesmo que pensá-la na América do Sul, onde as aspirações de dominação do mundo, o surgimento do mercado global e a imposição de modernidade e seu outro lado oculto, a colonialidade, tomou forma prática e sentido (Walsh, 2012, p. 62).

Considera-se, então, que cada lugar tem seu contexto em virtude das condições específicas que são várias, envolvendo questões religiosas, políticas e econômicas. Assim, a interculturalidade na América latina tem um significado diferente do conceito europeu, mais amplo e com conotação de luta por direitos, de resistência.

Nesse sentido, Walsh (2009) aponta que é necessário promover relações positivas entre grupos culturais diferentes, combatendo a discriminação e o racismo, para tal, a formação de cidadãos conscientes é o primeiro passo. Portanto, a interculturalidade só é possível com uma educação voltada para a justiça social e a equidade. Contudo, pelo fato de o termo interculturalidade estar na moda, pode ser usado em diversos contextos e com interesses sociais e políticos por vezes opostos. Dessa forma, o conceito de interculturalidade pode ser ampliado e distorcido (Walsh, 2009), o que acontece com frequência no estado de Roraima, principalmente quando se trata das culturas indígenas.

A autora explica a interculturalidade a partir de três perspectivas. A primeira é a relacional, que generaliza o contato e intercâmbio cultural entre pessoas e práticas, assumido como algo que sempre existiu na América Latina. O problema dessa perspectiva é que invisibiliza os conflitos e as relações de poder e dominação. A segunda perspectiva é funcional, enraizada no reconhecimento da diversidade e da diferença entre as culturas, buscando promover diálogo e tolerância, porém, não problematiza nem enfrenta as causas das desigualdades sociais e culturais. Já a terceira perspectiva assumida por Walsh (2009) é a interculturalidade crítica, que não parte do problema da diversidade em si mesma, mas da estrutura colonial-racial, problematizando as relações de poder.

Dessa forma, concordamos com Walsh (2009) ao defender uma educação intercultural crítica que não seja limitada ao nível individual, que enfrente as estruturas sociais, políticas, econômicas e epistêmicas que costumam inferiorizar os povos minoritarizados como indígenas, migrantes, surdos e afrodescendentes. Assim, a interculturalidade deve ser entendida como um processo, um projeto a partir das margens, que requer transformação institucional e a construção de

condições diferentes de estar, de ser, de pensar, de conhecer, de aprender, de sentir e de viver.

## CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa tem um enfoque qualitativo, pois de acordo com Minayo (2001) responde a questões particulares que não podem ser quantificadas, ou seja, atua no universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Sendo assim, dados e situações que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A Linguística Aplicada (LA) é um campo de pesquisa aliado a muitas áreas de estudo e que utiliza de diversos métodos de investigação, inclusive as narrativas visuais também são abraçadas por ela. Conforme Cavalcanti (1986, p. 6), “a LA trabalha em recortes multidisciplinares, isto é, com o auxílio dos resultados de pesquisa em outras áreas de investigação”. Dessa maneira, no que se refere a trabalhos com narrativas visuais, métodos visuais, as pesquisas em LA têm que buscar métodos que analisem de forma pontual produções visuais, sendo necessário passar por vários campos como o artístico e o psicológico para entender e descrever os desenhos.

De acordo com Brandão, Oliveira e Santos (2023, p. 3) “ainda são poucos os trabalhos na área que ilustram questões metodológicas relacionadas à inclusão de materiais visuais como instrumentos de geração de dados”. Portanto, estudos como este, que abordam essa temática são de grande relevância para o avanço das pesquisas em Linguística Aplicada na atualidade.

Nesta pesquisa foram utilizadas narrativas visuais como método de geração de dados, nas quais o participante da pesquisa narra sua experiência por meio de desenhos. De acordo com Kress e Van Leeuwen (2006, p. 79), imagens podem revelar “tanto narrativas, contemplando ações e eventos, processos de mudança e disposições espaciais transitórias, quanto conceituais, representando os participantes em termos de sua essência mais generalizada, e mais ou menos duradoura e estável”.

Para a análise das narrativas foi usada a perspectiva crítico visual (Rose, 2007) que envolve a interpretação de imagens e representações visuais como textos que podem ser lidos criticamente, com ênfase na desconstrução dos elementos visuais para entender como esses elementos constroem significados e como se relacionam com os contextos social, histórica e cultural em que foram produzidos.

Os participantes desta pesquisa são alunos brasileiros e venezuelanos, da 1ª série do ensino médio de uma escola pública de Boa Vista, na qual a primeira autora é professora de língua portuguesa e utilizou o espaço da sala de aula para desenvolver a investigação com os referidos alunos que têm entre 14 e 16 anos de idade. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa<sup>3</sup>, seguindo os procedimentos de leitura e posterior assinatura do Termo de Consentimento Livre

e Esclarecido pelos responsáveis dos menores. Para preservar a identidade dos participantes, os nomes dos estudantes serão omitidos.

Em 4 turmas foi aplicada uma sequência didática com duração de 3 aulas, em que os alunos passaram pela conversa informal, demonstração em vídeos, conscientização sobre povos originários e migrantes, e por fim, pela execução do trabalho final que foi uma narrativa por meio de um desenho em um papel A4. Para a elaboração do desenho, a professora colocou no quadro a seguinte orientação: *Agora que você já tem noção de conceitos e valores que envolvem a interculturalidade na nossa cidade de Boa Vista, faça um desenho que represente aquilo que você enxerga de toda essa mistura de culturas.*

Um total de 50 alunos elaboraram os desenhos, mas para esta pesquisa mais sucinta foram selecionadas apenas 4 produções de narrativas visuais, seguindo alguns critérios de seleção como: empenho na realização da tarefa, conteúdo claramente alinhado à temática de diversidade linguístico-cultural de Roraima, e desenhos originais sem uso de ferramentas digitais. Por uma questão de espaço limitado para um artigo científico, acreditamos que analisar mais de quatro narrativas poderia extrapolar o número de páginas.

### **NARRATIVAS VISUAIS: EXPRESSÃO DE VIVÊNCIAS**

Eisner (2005, p. 10) descreve a narrativa visual como “[...] uma descrição genérica de qualquer narração que usa imagens para transmitir ideias. Filmes e as histórias se encaixam na categoria [...]”. Para esta pesquisa, os alunos representaram por meio de um desenho aquilo que pensam e sentem em relação ao ambiente multicultural em que vivem.

A produção dos desenhos em sala de aula foi uma proposta bem diferente para os alunos, pois no ensino médio não é comum o trabalho com desenhos, principalmente na disciplina de língua portuguesa. Assim, solicitamos que levassem canetinhas coloridas para a aula de língua portuguesa, o que lhes causou certo estranhamento, mas muitos relataram que gostaram da proposta e acabou sendo uma aula evolvente para os estudantes. O conteúdo da sequência didática<sup>4</sup> desenvolvida em sala de aula foi o seguinte:

#### **Quadro 1: Conteúdo da Sequência Didática**

<b>AULA 1</b> – Texto introdutório sobre o dia 19 de abril, abordando a importância dessa data e das culturas dos povos indígenas para o nosso país. Após a leitura do texto, realizaram uma atividade de produção textual em que deverão pesquisar quais são os hábitos herdados da cultura indígena que hoje utilizamos e praticamos no dia a dia.
<b>AULA 2</b> – Conversa informal com os alunos sobre os hábitos indígenas, e sobre a importância desses hábitos na nossa vida. Abordar também a questão da migração venezuelana que faz com que tenhamos novos hábitos e uma

nova identidade cultural. Fazer com que eles percebam que estamos em um ambiente multicultural.

**AULA 3** – Reproduzir em sala vídeos que abordam as culturas indígenas, a cultura venezuelana e a diversidade cultural do Brasil. A partir disso, fazer um desenho em que eles retratam como se sentem diante desse contexto em que as culturas se relacionam.

**Fonte:** Elaboração própria.

Após a orientação dada no quadro sobre o que eles deveriam desenhar, muitos alunos expressaram dificuldade e, somente com o auxílio da professora, começaram a ter ideias para conseguirem desenvolver a atividade. Eles disseram que não estavam mais acostumados a desenhar em sala de aula e que suas mentes e capacidades artísticas estavam “enferrujadas”.

A crítica aos trabalhos dos alunos é uma forma de repressão que os professores precisam combater, tentando incentivar a capacidade criativa de cada um, para que se sintam livres para expressarem seus sentimentos, sua forma de pensar, formando assim um cidadão crítico e capaz de defender seu ponto de vista. Como afirma Mestre (2014):

O aluno deve ser incentivado a pesquisar, a aprender, a conhecer além do visível, além do que está mais perto dele. O professor [...] deverá direccioná-lo nessa conduta proactiva extremamente valiosa [...] poderá trabalhar com o aluno para que este seja bem-sucedido na organização do seu pensamento, no planeamento, na planificação. O aluno deverá adquirir competências que apontem para capacidades como imaginar, projectar, fasear, prever, concretizar o produto (Mestre, 2014, p. 14).

Dessa forma, conseguimos incentivá-los a desenvolver os desenhos e expressar suas opiniões por meio deles. As imagens analisadas a seguir refletem as representações geradas. Como forma de preservar a identidade dos alunos, utilizamos a denominação **ALUNO1** para a primeira imagem, **ALUNO2** para a segunda imagem, **ALUNO3** para a terceira imagem, e **ALUNO4** para a quarta imagem.

A narrativa visual a seguir (Imagem 2), elaborada pelo aluno 1, destaca o intercâmbio cultural típico da região da tríplice fronteira Brasil/Venezuela/Guaiana, portanto, o foco maior está nas fronteiras e seus fluxos linguísticos-culturais:

**Imagem 2:** O intercâmbio cultural entre os países - aluno 1



**Fonte:** Produção do aluno em aula de português, 1º ano do Ensino Médio.

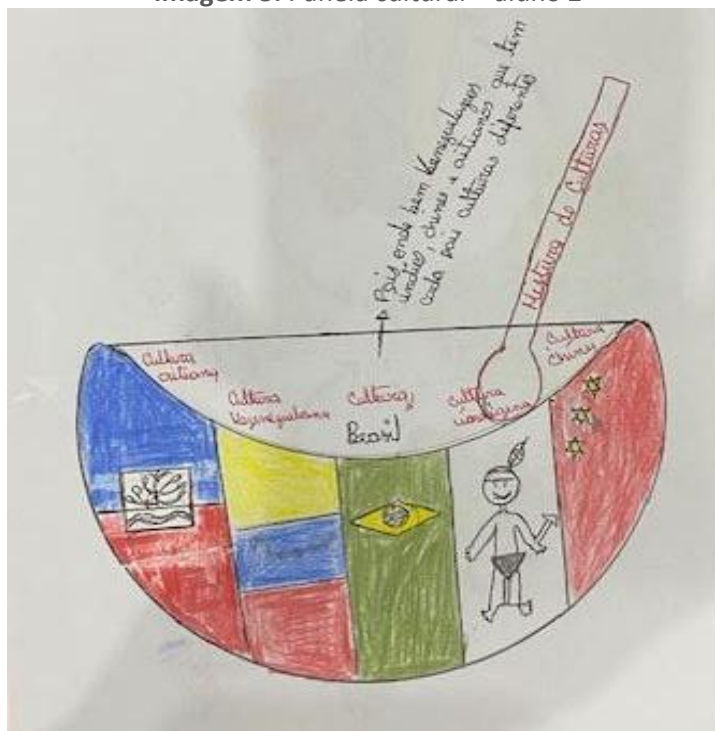
A partir deste desenho, percebemos a representação do trânsito entre o Brasil e os países vizinhos, bem como suas contribuições para os contatos culturais em Roraima. Os mapas e as cores das bandeiras da Venezuela e da Guiana, junto com as setas de mão dupla, deixam claro que também os brasileiros migram e/ou visitam, transitam entre as fronteiras. Além disso, é possível interpretar que com o movimento migratório, a culinária dos países sofre influências, conforme foi apontado por Pantoja, Silva e Zambrano (2024), que em seu texto apresentam as mudanças do cenário gastronômico em Boa Vista após a intensificação da migração de venezuelanos para Roraima. Na imagem vemos a cuia do chimarrão que representa a migração nacional; é possível visualizar ainda um prato com duas “arepas”, comida típica venezuelana que já se popularizou em Boa Vista. Outro prato mostra um peixe inteiro, alimento mais comum da cultura indígena que também é consumida frequentemente pelos não indígenas que habitam em Roraima. Como apontam Pantoja, Silva e Zambrano (2024), são tradições culinárias que marcam as identidades culturais do estado.

Outro ponto da narrativa a ser analisado são as setas, que podem indicar o fluxo comercial e turístico que existe em cidades fronteiriças, pessoas indo e vindo diariamente, por diversos motivos, principalmente a trabalho e estudo. Estudos locais evidenciam que muita gente que vive nas cidades de fronteira opta por morar em uma e trabalhar em outra por questões de oportunidade, e por estudo, às vezes no país vizinho o acesso é mais fácil, ou a qualidade pode ser melhor (Santos, 2012; Fonseca, 2015). Essa interação diária é natural e pode nos remeter à perspectiva de interculturalidade relacional (Walsh, 2009), entretanto, não podemos essencializar a interculturalidade, pois sabemos que existe a troca cultural nesse contexto, mas se não há questionamento e enfrentamento das estruturas de poder, não teremos uma interculturalidade crítica. Essa pode ser construída a partir das discussões nas escolas, constituindo apenas uma ponta do

processo, como foi realizado com a sequência didática aplicada nas turmas da 1ª série, porém é necessário ampliar os debates sobre estereótipos e preconceitos nesses contextos.

A próxima narrativa (Imagem 3) chamou muito a atenção, tanto das pesquisadoras quanto dos colegas de classe, pois foi algo inusitado a utilização da figura da panela/cuia para representar a mistura cultural, fazendo a alusão entre culinária e cultura:

**Imagem 3:** Panela cultural – aluno 2



**Fonte:** Produção de aluno em aula de português, 1º ano do Ensino Médio.

Esse foi um dos desenhos que mais chamou a atenção, tendo em vista que a aluna utilizou a figura de uma panela ou cuia para representar a mistura cultural em que vive, isto é, ao utilizar um utensílio de cozinha onde se misturam vários ingredientes para formar uma comida, fica clara a representação da diversidade cultural e linguística da região. A autora é uma aluna venezuelana, oriunda do processo de migração forçada e que hoje está inserida no contexto escolar e consegue, ainda com algumas limitações, desenvolver as atividades propostas.

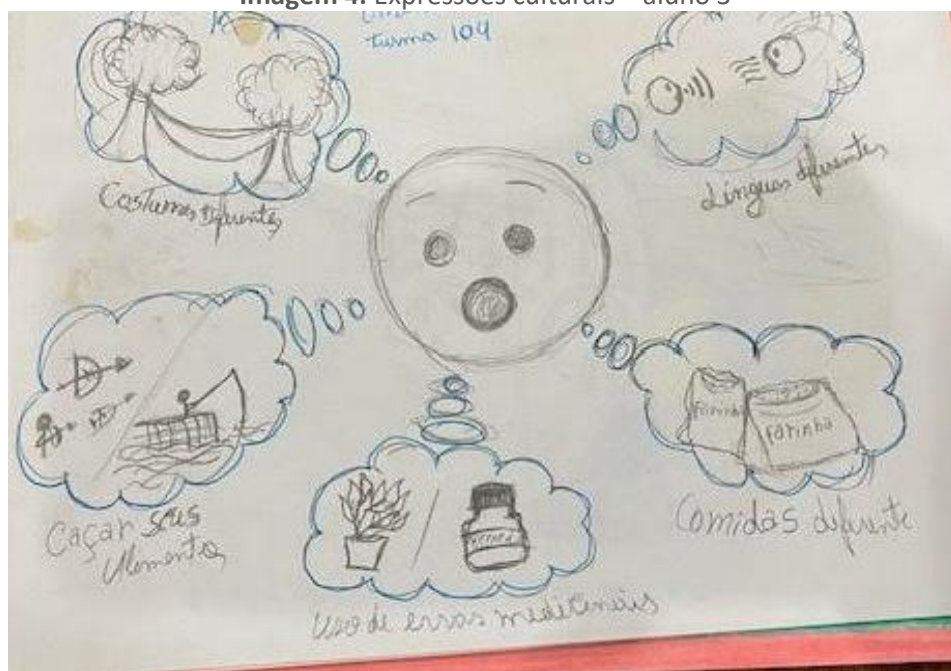
A cuia é um elemento que representa, principalmente, tradições indígenas no norte do Brasil, mas na Venezuela também existe o recipiente de herança indígena, que é usado ainda por alguns povos. Ou seja, a cuia representa os povos indígenas originários dos três países, Brasil/Venezuela/Guiana. No desenho, percebe-se como a cuia recebe todas as influências, e a colher que a aluna desenhou representa justamente a mistura que acontece; ela colocou dentro: haitianos, venezuelanos, brasileiros, indígenas de diversas nacionalidades e chineses<sup>5</sup>, que são alguns dos povos que formam o cenário da região da trílice

fronteira. No entanto, ao analisar criticamente, é possível interpretar que esses povos estão separados dentro da cuia por meio de linhas divisórias e de bandeiras que representam cada país. Nesse sentido, se não houver a mistura por meio da colher, não haverá interculturalidade, teremos apenas a multiculturalidade onde cada grupo sabe da existência do outro e apenas se tolera.

Corroborando Walsh (2001) compreendemos que a interculturalidade é uma forma de articulação que não pode supervalorizar ou erradicar as diferenças culturais, mas propiciar uma interação dialógica entre pertencimento e diferença. Dessa forma, a noção de (não)pertencimento aparece no desenho, com a presença das diferentes culturas dentro da cuia, porém pode ser apenas uma interculturalidade funcional, quando não há problematização sobre as causas das desigualdades, o que deveria acontecer para que haja interculturalidade crítica.

A imagem 4 revela uma pessoa assustada e/ou impressionada com tanta diversidade, chamando a atenção para o cenário de pessoas que convivem com situações sociais e culturais diversas como em cidades fronteiriças e em contextos indígenas, portanto, a representação de susto diante da diversidade é ponto principal de análise da narrativa visual a seguir:

**Imagem 4:** Expressões culturais – aluno 3



**Fonte:** Produção do aluno em aula de português, 1º ano do Ensino Médio.

Nesta imagem, a interpretação do desenho é de uma pessoa assustada e/ou impressionada com a diversidade cultural e linguística, possivelmente a forma como o aluno autor do desenho se sente, levando em consideração que foi pedido que representassem qual é a percepção deles diante da realidade em que vivem. De fato, a forma como as diversidades são construídas no imaginário social pode causar esse sentimento de medo, susto, que muitas vezes é construída na relação entre a identidade e a diferença (Hall, 2006).

No desenho, o aluno citou os costumes, as línguas, a comida, e inclusive algumas tradições como a caça e a pesca, bem como o uso de ervas medicinais que provavelmente refere-se aos povos indígenas. A diversidade de línguas no contexto roraimense é algo muito marcante, principalmente pelo uso do espanhol pelos venezuelanos. São muitos profissionais daquele país inseridos no mercado de trabalho, o que faz com que constantemente o roraimense tenha contato direto com essa língua, e também os alunos venezuelanos em sala de aula contribuem para esse contato entre o espanhol e o português, bem maior do que o contato entre português e as línguas indígenas, pelo menos na capital do estado (Zambrano, 2021).

Nesse sentido, Maher (2007) defende que os grupos minoritarizados devem ter seus direitos estabelecidos e que a sociedade também deve conscientizar-se a respeito por meio de uma educação do entorno, ou seja, uma educação intercultural.

O desenho a seguir foi um dos mais criativos, com uma narrativa de diversidade e igualdade, discussão tão importante para a educação linguística no contexto investigado:

**Imagem 5:** O sentimento intercultural – aluno 4



**Fonte:** Produção do aluno em aula de português, 1º ano do Ensino Médio.

Esta narrativa foi escolhida porque retrata um tema muito sensível quando se trata de interculturalidade e diversidade, o respeito que deve existir entre todas as pessoas. O aluno retrata uma mulher nua que está pensando em toda a diversidade que existe, com a figura de uma pessoa no centro e recortes ao redor. Os recortes trazem: (i) uma indígena, cujo rosto está dividido por linhas com cores e características diferentes, podendo representar as diferentes etnias e mostrar

que não existe uma cultura indígena única, ou seja, denota heterogeneidade dentro das tradições indígenas; (ii) o mapa do Brasil, e dentro dele, figuras que representam várias culturas, a nordestina, a indígena, a negra, a gaúcha; (iii) uma figura de um coração formado por mãos dadas com as bandeiras do Brasil e da Venezuela. Por último, o pensamento com as palavras “IGUALDADE, RESPEITO, COMPAIXÃO, AMOR, PAZ!”, que parece representar o desejo do estudante.

A mensagem e as imagens nos remetem a problemas, conflitos e desigualdades existente na cidade de Boa Vista. Analisando pela questão da migração oriunda do país vizinho, a imprensa tende a mostrar que os migrantes trazem um cenário muito triste: a fome, a miséria, a pobreza e, conseqüentemente, problemas sociais para o lugar que os recebe (Zambrano, 2021). Dessa maneira, percebemos que a aluna representou um sentimento de que, apesar de todos os aspectos negativos ressaltados pela imprensa, temos que enxergar que os venezuelanos são pessoas vítimas de uma crise política e social no país de origem, e que precisam de ajuda. Além disso, devemos enxergar os pontos positivos como, justamente, o aporte cultural trazido pelos migrantes que fazem com que a cultura de Roraima fique ainda mais rica.

Nesse cenário, para além de “tolerar” a cultura do outro, é necessário promover a inclusão real, lutando pelos direitos dessas pessoas e valorizando suas diferenças. Isso quer dizer que devemos promover a interculturalidade crítica (Walsh, 2009), começando com atitudes interculturais como as do aluno que elaborou o desenho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi realizada a análise de narrativas visuais, por meio de desenhos elaborados por alunos da 1ª série do ensino médio de uma escola pública de Roraima, uma proposta relativamente inovadora no campo de estudos da Linguística Aplicada e muito relevante tendo em vista as novas vertentes de pesquisas na contemporaneidade. O objetivo foi analisar a percepção dos alunos em relação à diversidade cultural em que estão inseridos no contexto escolar e na cidade de Boa Vista

O objetivo com as narrativas visuais foi alcançado satisfatoriamente, pois os desenhos revelaram o sentimento e a percepção dos alunos em relação à diversidade cultural e linguística em que vivem. Foram abordados quesitos linguísticos e culturais provenientes dos contatos fronteiriços, dos contatos com migrantes, além das questões indígenas do estado de Roraima, ao mesmo tempo em que foi fomentado o respeito que se deve ter com as línguas-culturas que convivem na região.

Considerando que a produção de uma narrativa visual permite que a pessoa represente aquilo que ela não consegue verbalizar, a experiência em sala de aula demonstrou a maneira como os estudantes podem desenvolver a consciência crítica e representá-la por meio de desenhos, gênero pouco utilizado no Ensino Médio.

É possível perceber que os alunos representaram consciência do meio em que vivem, do qual fazem parte, sendo assim sujeitos que possuem a sua identidade fragmentada conforme pontua Hall (2006). Da mesma forma, concordamos com Pantoja, Silva e Zambrano (2024, p. 178) quando afirmam que “a migração nortista, nordestina e venezuelana influencia a composição da identidade em Roraima. Além da identidade marcada por traços indígenas, são evidentes as características dos fluxos migratórios”. Tudo isso pode ser percebido nos desenhos, que revelam as identidades marcadas por essas diferenças culturais.

Nessa perspectiva, os desenhos mostraram uma percepção crítica relacionada à diversidade cultural e linguística da região fronteira onde os alunos residem. No entanto, faz-se necessário ampliar o debate relacionado à valorização e respeito de todas as culturas, principalmente dos povos minoritarizados. É importante que haja de fato uma educação intercultural crítica, que vá além de aceitar o outro, mas que passe a questionar as relações de poder e lutar pela justiça social. A geração que está nas escolas deve ser multiplicadora para buscar a educação do entorno tão defendida por Maher (2007).

Cientes de que esta breve pesquisa pode servir como base para outras mais amplas, defendemos a necessidade da promoção de uma educação linguística ampliada na formação docente, que estimule posturas críticas diante dos cenários linguístico-culturais tão diversos do Brasil, principalmente das regiões fronteiriças.

# Reflections on interculturality in Roraima based on visual narratives produced by students

## ABSTRACT

This research is based on Applied Linguistics and addresses issues of interculturality and identity through visual narratives produced by first-year high school students. The objective is to analyze the perceptions of students from a public school in Roraima regarding the cultural diversity in which they are inserted in the school context and in the city of Boa Vista. The theoretical basis presents the study of authors such as Hall (2006), Freitas (2009), Cavalcanti (1986), Maher (2007) and Walsh (2009, 2012). The methodology, of a qualitative nature, used the critical visual narrative proposed by Gillian Rose (2007), analyzing 4 drawings produced by the students as a result of a didactic sequence about linguistic-cultural diversity. The results indicate that the learners, after the application of the didactic sequence and the encouragement to create drawings, were able to represent broad perceptions related to the cultural and linguistic richness of the city and the region where they live, highlighting issues such as borders, migration, indigenous peoples, cuisine, and languages.

**KEYWORDS:** Interculturality. Identity. Visual narratives.

# Reflexiones sobre interculturalidad en Roraima a partir de narrativas visuales producidas por estudiantes

## RESUMEN

Esta investigación tiene como línea teórica la Lingüística Aplicada y aborda cuestiones de interculturalidad e identidad, por medio de narrativas visuales producidas por alumnos de 1<sup>a</sup> año de bachillerato. El objetivo es analizar las percepciones de los alumnos de una escuela pública de Roraima en relación a la diversidad cultural en que se insertan en el contexto escolar y en la ciudad de Boa Vista. La base teórica presenta el estudio de autores como Hall (2006), Freitas (2009), Cavalcanti (1986), Maher (2007) y Walsh (2012). En la metodología, de carácter cualitativa, se utilizó la narrativa crítica visual, propuesta por Gillian Rose (2007), analizando 4 dibujos producidos por los estudiantes como resultado de una secuencia didáctica acerca de diversidad lingüístico-cultural. Los resultados apuntan que los aprendices, luego de la aplicación de la secuencia didáctica y el incentivo para elaborar dibujos, pudieron representar percepciones amplias relacionadas a la riqueza cultural y lingüística de la ciudad y de la región donde viven, resaltando cuestiones como fronteras, migración, pueblos indígenas, culinaria y lenguas.

**PALABRAS CLAVE:** Interculturalidad. Identidad. Narrativas visuales.

## NOTAS

1. Para mais informações sobre os povos indígenas de/em Roraima acessar o site <https://povosindigenasrr.uerr.edu.br/>
2. São grupos que não necessariamente representam minorias em termos numéricos, mas que costumam ser minoritarizados pelas sociedades dominantes.
3. Parecer 7.113.832
4. Salientamos que o foco da pesquisa não é a sequência didática, mas as narrativas geradas após os conteúdos trabalhados nas referidas aulas, por esse motivo, não incluímos teoria referente a sequências didáticas.
5. Na cidade gêmea do lado guianense, Lethen, há uma comunidade chinesa que trabalha no comércio local.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, A. C. de L.; OLIVEIRA, V. A. de; SANTOS, G. P. A pesquisa narrativa visual e o estudo da identidade do professor de língua inglesa. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 62, n.2, p. 289–306, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8670196> . Acesso em: 02 ago. 2024.

CESAR A. L. S. MAHER, T. M. Políticas linguísticas e políticas de identidade em contexto indígena – Uma introdução. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, 2018, Vol. 57. p. 1297-1312.

CAVALCANTI, M. C. A Propósito de Linguística Aplicada. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, nº 7, 1986, p. 5-12.

EISNER, W. **Narrativas Gráficas de Will Eisner**. Tradução Leandro Luigi Del Manto. São Paulo: Editora Devir, 2005.

FREITAS, A. **Geografia e História de Roraima**. 7. ed. rev. e ampl. Boa Vista, RR: IAF, 2009.

FONSECA, N. B. **Construção identitária de alunos Guianenses que estudam em Bonfim** – RR. 98 p. 2015. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Roraima, Boa Vista – RR, 2015.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. (2006). **Reading images: The grammar of visual design**. 2. ed. London: Routledge.

MAHER, T. M. A educação do entorno para a interculturalidade e o plurilinguismo. In: KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTI, M. C. (orgas.). **Linguística aplicada: suas faces e interfaces**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007, p. 255-270.

MESTRE, C. A narrativa visual e a representação interpretativa: o contributo das novas tendências da ilustração para o pensamento crítico nos adolescentes. **Revista Digital do LAV, Santa Maria**, v. 7, n. 2, p. 156-174, maio/ago., 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=337031808011> . Acesso em: 2 jun. 2021.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 9-29.

PANTOJA, P. L.; SILVA, M. N. da .; Zambrano, C. E. G. . Identidades roraimenses: da tradicional influência nordestina ao atual fenômeno migratório transnacional. **Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades**, [S. l.], v. 12, n. 1, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/mui/article/view/7474> . Acesso em: 20 ago. 2024.

ROSE, Gillian. **Visual methodologies: an Introduction to the Interpretation of visual materials**. London: SAGE, 2007. 287p.

SANTOS, A. S. **Multilinguismo em Bonfim/RR: o ensino de Língua Portuguesa no contexto da diversidade linguística**. 144 p. 2012. Tese apresentada à Universidade de Brasília, Brasília – DF, 2012.

VALLESCAR PALANCA, D. Consideraciones sobre la interculturalidad y la educación. En: HEISE, M. **Interculturalidad, Creación de un concepto y desarrollo de una actitud**. Artículo editado y compilado, en el marco del Programa FORTE-PE - MINEDUC, Convenio PER/B7 Lima - 2001. Lima, Perú: Inversiones Hatuey S.A.C., 2001. pp. 115- 136. Disponível em: [http://interculturalidad.org/numero03/2\\_03.htm](http://interculturalidad.org/numero03/2_03.htm) Acesso em dezembro de 2023.

WALSH, C. Interculturalidad crítica y educación intercultural. In. VIAÑA, J.; TAPIA, L.; WALSH, C. (orgs.). **Construyendo Interculturalidad Crítica**. La Paz: Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, 2009, p. 75-96.

WALSH, C. Interculturalidad y (de) colonialidad. Perspectivas críticas y políticas. **Visão Global**, Joaçaba, v. 15, n. 1-2, p. 61-74, jan./dez. 2012.

ZAMBRANO, C. E. G. **Acolher entre línguas: representações linguísticas em políticas de acolhimento para migrantes venezuelanos em Roraima**. 2021a, 226f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

**Recebido:** 23 jun. 2025

**Aprovado:** 18 Dez. 2025

**DOI:** 10.3895/rtr.v10n0.20433

**Como citar:** ZAMBRANO, C. E. G.; PROBO, K. M. S. Reflexões sobre interculturalidade em Roraima a partir de narrativas visuais produzidas por estudantes. **R. Transmutare**, Curitiba, v. 10, e20433, p. 1-19, 2025. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr>>. Acesso em: XXX.

**Correspondência:**

Cora Elena Gonzalo Zambrano  
[coragonzalo@gmail.com](mailto:coragonzalo@gmail.com)

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

